

44

**Circular
Técnica**

*Campina Grande, PB
Dezembro, 2000*

Autores

Maria Auxiliadora Lemos Barros
Economista, M.Sc.,
Embrapa Algodão
Rua Osvaldo Cruz, 1143 – Centenário
58107-720 – Campina Grande, Pb
E-mail: dora@cnpa.embrapa.br

Robério Ferreira dos Santos
Economista, D.Sc.,
Embrapa Algodão
E-mail: roberio@cnpa.embrapa.br

Embrapa

O Mercado Algodoeiro no Brasil Crises e Perspectivas



Introdução

Mesmo com o avanço tecnológico na produção de fibras sintéticas, o algodão tem sustentado o status de principal matéria-prima utilizada no setor. Segundo dados da Carta Têxtil (1997), nos últimos 20 anos o

algodão foi responsável pelo suprimento de mais da metade do consumo de fibras têxteis nacional, representando 56,8% em 1980, 65,9% em 1990 e 62,5% em 1996.

A crise por que passa a cotonicultura brasileira tem gerado sérios problemas sociais no campo e na cidade, com decréscimo da área e da produção, a nível nacional, nos últimos anos (CONAB, 1999).

A abertura total do mercado interno, associado à defasagem entre a produção e a demanda e às melhores condições de financiamento externo, propiciaram a entrada de volumes recordes de algodão em pluma, acarretando severas modificações na comercialização do algodão produzido internamente.

A política de juros altos, no país, beneficiou o produto estrangeiro, em especial as commodities internacionais sustentadas por financiamentos atraentes nos países de origem, o que pressionou os preços internos para baixo, chegando a comprometer o rendimento da atividade. Tudo isto, no entanto, provocou uma grande alteração no sistema produtivo e de comercialização do algodão em caroço e em pluma, na busca do cotonicultor nacional de competir com o produto importado. A necessidade de competitividade levou a produção brasileira para a região de cerrados do Centro-Oeste e Nordeste. Com este trabalho objetivou-se analisar o processo de mudança ocorrido no Brasil junto com a crise por que passa a cotonicultura nacional.

Metodologia Adotada

Foram utilizados, neste trabalho, dados secundários, via revisão bibliográfica, levantados junto à CONAB, ao IBGE, SINDITÊXTIL, à Agroanálise e Textília, de 1980 a 1999. Utilizaram-se dados levantados, tabelas de áreas, produção e rendimento médio, importação e consumo de algodão em pluma no Brasil e alíquotas de tarifas aduaneiras de algodão em pluma.

Análise dos Resultados

A crescente participação do algodão importado no abastecimento interno, desde o início da década de 1990, colocou o Brasil na condição de grande importador de algodão em pluma. O elevado peso das importações de algodão em pluma no déficit da balança comercial brasileira atingindo, em 1995, US\$800 milhões de gasto com aquisição desse produto, para um déficit de US\$1,01 bilhão em 1996, levou o governo brasileiro a adotar medidas para encarecer as compras externas (ROCHA, 1998) e o setor algodoeiro se viu pressionado a modernizar seu processo produtivo no campo e no setor industrial para tornar-se competitivo.

Santos e Santos (1999) analisando os impactos da crise no mercado algodoeiro, concluíram que: 1) o Brasil passou a ocupar a segunda colocação nas importações mundiais de algodão em pluma; 2) a região Centro-Oeste é a nova fronteira do algodão e onde a cotonicultura é mecanizada, com grandes áreas de produção compreendidas por grandes grupos com áreas de algodão no campo, no beneficiamento e na industrialização da pluma; 3) nos estados tradicionais produtores, São Paulo e Paraná, houve redução da produção familiar e aumento de grandes grupos empresariais na produção do algodão; 4) consolidação da extinção da produção do algodão arbóreo no Nordeste brasileiro, de acordo com Barros et al. (1999).

O algodão importado passou a responder por parcela crescente do produto consumido no Brasil, com tarifas de importação zero, entre 1990 e 1994; 3% entre 1995 e 1997; e 6% a partir de 1998 (Tabela 1), passando o Brasil de exportador de algodão em pluma para importante importador. No início da década de 90, este mercado estava plenamente aberto ao mercado mundial de fibras têxteis, aumentando rapidamente as importações, passando a ser um dos maiores compradores de fibras têxteis do mundo; com a abertura do mercado interno, ocorreu elevação das importações, de 86,1 mil toneladas, em 1990, para 501,2 mil toneladas em 1993, em contraposição à redução de produção nacional de 665,7 mil toneladas em 1990, para 420,2 mil toneladas em 1993, quando praticamente mais da metade do consumo interno foi de produto estrangeiro. Foi o pior desempenho conseguido pela cotonicultura nacional. Na safra de 1994 verificou-

se recuperação na produção e, conseqüentemente, redução nas importações, enquanto o consumo continuou crescendo. Nesta safra foram produzidas 483,1 mil toneladas de pluma, enquanto nas safras de 1995, 1996 e 1997, a produção foi sempre decrescente chegando, em 1997, a representar apenas 38% do consumo industrial de pluma, estimado em 798,7 mil toneladas de pluma, conforme Tabela 2.

Tabela 1. Alíquotas da tarifa aduaneira brasileira de algodão em pluma, fios e tecidos de algodão (%).

Ano	Algodão em pluma ¹	Fios de algodão	Tecidos de algodão
1986	55	85	105
1988	10	30	60
1990	0	20	40
1991	0	20	40
1992	0	20	30
1993 ²	0	15	20
1994 ³	0	10	15
1995	3	-	-
1996	3	-	-
1997	3	14	18
1998	6	-	-
1999	6	-	-
2000	6	-	-

Fonte: Carta Têxtil (1997).

(1) Faz parte da lista de exceção temporária à TEC;

(2) As alíquotas previstas para vigorarem em 01.01.93, foram antecipadas para 01.10.92;

(3) As alíquotas previstas para vigorarem em 01.01.94, foram antecipadas para 01.07.93;

(-) Informação não disponível.

O Brasil tornou-se um mercado aberto e algodão de várias origens é consumido. As condições especiais de financiamento do algodão importado, com prazos de até 360 dias e juros mais baixos no mercado internacional (6% a 8% a.a) dificultam a comercialização do produto interno. A partir de 1993, as importações de algodão em pluma a prazo de mais de 180 dias superaram as compras a vista e, neste período, as importações brasileiras alcançaram volumes recordes, já que a redução da produção interna de algodão em pluma foi acompanhada por aumentos crescentes do consumo de pluma das indústrias têxteis que se modernizava, consolidando o Brasil como um dos maiores importadores de algodão, de acordo com a Tabela 2.

Tabela 2. Suprimento de algodão em pluma no Brasil, nas safras 1979/80 a 1990/200 (em 1.000 ton.).

Safra	Estoque Inicial	Produção	Importação	Consumo	Exportação	Estoque Final
1979/80	-	577	0	572	9	114
1980/81	114	594,4	2	561	30,8	118,6
1981/82	118,6	680,5	0	580,6	56,5	162
1982/83	162	586,3	2,4	556,7	180,2	13,8
1983/84	13,8	674,5	7,8	555,2	32,3	108,6
1984/85	108,6	968,8	20,5	631,4	86,6	379,9
1985/86	379,9	793,4	67,4	736,6	36,6	467,5
1986/87	467,5	633,4	30	774,7	174	182,2
1987/88	182,2	863,6	81,1	838	35	253,8
1988/89	253,8	709,3	132,1	810	160	125,2
1989/90	125,2	665,7	86,1	730	110,6	36,4
1990/91	36,4	717	105,9	718,1	124,3	16,9
1991/92	16,9	667,1	167,8	741,6	33,8	76,4
1992/93	76,4	420,2	501,2	829,5	7,4	160,9
1993/94	160,9	483,1	367,3	836,6	4,3	170,4
1994/95	170,4	537	282,3	803,7	52,5	133,5
1995/96	133,5	411,5	469,6	826,1	1,6	186,9
1996/97	186,9	305,7	438,5	798,7	0,3	132,1
1997/98	132,1	411	334,4	782,9	3,1	91,5
1998/99	91,5	520,6	282,6	825	3,1	65,6
1999/00	38,5	700,3	270	900	15	93,8

Fonte: Indicadores da Agropecuária (1999).

¹ Estimativa do mês de setembro de 2000.

Até meados dos anos 80, a cotonicultura era protegida das práticas de "dumping" no mercado mundial, com tarifas de importação, taxando o produto importado em 55%, segundo a Tabela 3.

Tabela 3. Distribuição percentual das importações brasileiras de algodão em pluma, conforme o prazo de pagamento, 1991-1996.

Anos	Formas de pagamento					
	A prazo (B)					Total (A+B)
	A vista (A)	Até 180 dias	180 a 360 dias	+ de 360 dias	Total a prazo	
1991	53,3	40	6,7	0	46,7	100
1992	55,9	34,8	9,3	0	44,1	100
1993	22,3	64,2	13,5	0	77,7	100
1994	24,9	53,5	22,6	0	76,1	100
1995	17,3	29,9	52,8	0	83,7	100
1996	8,2	19,8	71,4	0,6	91,8	100

Fonte: Resende et al. (1997) (Adaptada).

No início da década de 90, este mercado estava inteiramente aberto, pois a alíquota vigente era zero e, com isto, os efeitos sobre os preços foram drásticos, desestruturando a produção nacional nas principais regiões produtoras.

Urban et al. (1995) abordam detalhadamente os efeitos socioeconômicos da crise instalada na cotonicultura nacional; a partir de 1990, a abertura do mercado acelerou o processo da queda nos preços internos, uma vez que já eram decrescentes antes da adoção da medida.

Na safra 1997/98, o governo federal, num plano de safra, tomou medidas significativas para reverter a

situação da cotonicultura nacional, através da abertura de linhas de crédito especial, para que a indústria têxtil adquirisse o algodão nacional a juros, prazos e preços internacionais, elevação da tarifa externa comum de 3% para 6%, redução da alíquota do PROAGRO de 7,0% para 3,1%, maior limite de financiamento para o plantio, entre outras (Indicadores de Agropecuária, 1999). Essas medidas repercutiram favoravelmente na safra 1997/98, em termos de área, com destaque para a região Centro-Oeste, aumentando a área colhida com algodão no Brasil de 635,71 mil hectares, na safra 1996/97, para 828,07 mil hectares, na safra 1997/98 (Tabela 4). Estima-se, para a safra 1999/2000, uma área colhida de 810,09 mil hectares de algodão herbáceo e uma produção em pluma de 685,92 mil toneladas (Tabela 4).

Tabela 4. Relatório Econômico de Produtos Agrícolas.

Produto: Algodão Herbáceo

Ano Agrícola	Brasil				Rendimento médio (kg/ha)
	Área Colhida (1000 ha)	Produção Caroço (1000 t)	Produção Pluma (1000 t)		
1973/74	1723,23	1455,28	523,9		845
1974/75	1543,27	1327,53	477,91		860
1975/76	1063,97	903,66	325,32		849
1976/77	1533,01	1461,63	526,19		953
1977/78	1470,52	1107,97	398,87		753
1978/79	1285,14	1372,04	493,93		1068
1979/80	1352,29	1437,84	517,62		1063
1980/81	1394,92	1540,46	554,57		1104
1981/82	1558,17	1692,29	609,22		1086
1982/83	1347,01	1520,78	547,48		1129
1983/84	1673,15	1890,26	680,49		1130
1984/85	2243,63	2647,82	953,22		1180
1985/86	1995,59	2196,15	790,61		1101
1986/87	1285,26	1614,33	581,16		1256
1987/88	1822,42	2435,72	876,86		1337
1988/89	1494,47	1797	646,92		1202
1989/90	1383	1773,63	638,51		1282
1990/91	1484,08	2037,71	733,58		1373
1991/92	1588,17	1853,09	667,11		1167
1992/93	924,09	1133,06	407,9		1226
1993/94	1060,22	1350,2	486,07		1274
1994/95	1102,68	1423,66	512,52		1291
1995/96	805,39	1003,18	361,14		1246
1996/97	635,71	831,75	299,43		1308
1997/98	828,07	1176,58	423,57		1421
1998/99	664,05	1412,65	508,55		2127
1999/00	810,09	1905,33	685,92		2352
Média	1335,98	1566,73	564,02		1222

Fonte: Levantamento Sistemático da Produção Agrícola. (1974/2000)

Obs.:1 As informações dos últimos dois anos estão sujeitas a alterações.

Obs.:2 Dados atualizados em Setembro de 2000.

Durante a safra 1997, emergiu uma confiança geral na recuperação da cotonicultura brasileira; nesse clima, ocorreu significativo aumento da área colhida e, conseqüentemente, da produção. As importações vêm diminuindo, devendo chegar na safra 1999/2000 a 270,0 mil toneladas, praticamente metade do volume importado há quatro anos (Tabela 2). As perspectivas para a cotonicultura brasileira são promissoras, tendo em vista o domínio da base técnica e a meta de todos os segmentos da cadeia têxtil para a retomada do dinamismo da cotonicultura; sustentada esta tendência, em poucos anos o país voltará à situação de auto-suficiência na produção de algodão em caroço e pluma.

A crise da cotonicultura brasileira impôs ajuste ao sistema produtivo, pautado em novas formas de produção e gerenciamento, onde a cotonicultura é baseada no uso intensivo de tecnologia e de mecanização, em grandes áreas de produção (BARBOSA, 2000). A crise da cotonicultura impôs ajuste no sistema produtivo transferido para a região de cerrados do Centro-Oeste e Nordeste, pautado em novas formas de produção e gerenciamento, alterando a estrutura produtiva de uma cotonicultura tradicional para um sistema de caráter empresarial e moderno, baseado no uso intensivo de tecnologia e mecanização do preparo do solo à colheita e em um novo sistema de comercialização, onde o empresário rural paga pelo serviço de beneficiamento do algodão em caroço, ficando com a comercialização da pluma e do caroço (semente) e em alguns casos também dos subprodutos.

Estímulos ao cotonicultor e produtividade em alta, levam à previsão de auto-suficiência, em breve. O aumento da produtividade e dos incentivos para o algodão no país, estão estimulando os produtores a aumentarem a área plantada, em 30% na safra de verão 2000/2001. Segundo dados da CONAB (1999), na safra 1999/2000 o Brasil deverá produzir 73% do total do algodão em pluma consumido internamente.

Considerações Finais

1. A análise realizada identificou que a crise que ainda atinge a cotonicultura brasileira esteve associada a políticas públicas adotadas no período e atuaram negativamente sobre o mercado e a produção interna de pluma de algodão;

2. a abertura do mercado acelerou o processo de redução nos preços internos, já decrescentes; ressalta-se que o desafio da cotonicultura representa, no momento, a retomada e a recuperação da produção nacional;

3. a crise da cotonicultura impôs ajuste no sistema produtivo transferido para a região de cerrados do Centro-Oeste e Nordeste, pautado em novas formas de produção e gerenciamento, alterando a estrutura produtiva de uma cotonicultura tradicional para um sistema de caráter empresarial e moderno, baseado no uso intensivo de tecnologia e mecanização do preparo do solo à colheita e em um novo sistema de comercialização, onde o empresário rural paga pelo serviço de beneficiamento do algodão em caroço, ficando com a comercialização da pluma e do caroço (semente) e em alguns casos também dos subprodutos;

4. são promissoras as perspectivas de retomada do dinamismo da cotonicultura brasileira, já observada no estado do Mato Grosso, tendência esta que, se sustentada, em alguns anos poderá possibilitar ao país a volta da situação de auto-suficiência na produção de pluma e caroço.

Referências Bibliográficas

- BARROS, M. A. L.; BELTRÃO, N. E. de M.; Comercialização do algodão. In: BELTRÃO, N. E. de M. org. **O agronegócio do algodão no Brasil**. Campina Grande: Embrapa-CNPA/Embrapa-CTT, 1999. v. 2. p. 1013-1023.
- BARBOSA, M. Z.; NOGUEIRA JUNIOR, S. Restauração da cadeia de produção de têxteis no Brasil e seus reflexos na cotonicultura. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE ECONOMIA E SOCIOLOGIA RURAL, 30., 2000, Rio de Janeiro. **Anais...** Rio de Janeiro: SBESR. p. 1-15
- CARTA TÊXTIL, edição extra. São Paulo: ABIT/SINDITÊXTIL, edição extra jun. 1997.
- INDICADORES da agropecuária, CONAB, Brasília: v. 8, n. 4, p. 8-12, 1999.
- LEVANTAMENTO sistemático produção agrícola, Rio de Janeiro: IBGE, v. 12, n. 3, p. 1-11. 1999.

RESENDE, G. C. de; NONENBERB, M. J.; MARQUES, M. C. **Abertura comercial, financiamentos externos, crescimento das importações brasileiras e impacto sobre o setor agrícola.** Rio de Janeiro: IPEA, jul. 1997.

ROCHA, D. de P. Atrás do prejuízo. **Agroanálise**, v. 18, n. 10, p. 26-27, 1998.

SANTOS, R. F. dos.; SANTOS, J. W. dos.

Agronegócio do algodão: crise no mercado brasileiro da matéria-prima agrícola. In: BELTRÃO, N.E. de M. (Org.). **O agronegócio do algodão no Brasil**, Campina Grande: Embrapa-CNPA/Embrapa-CTT, 1999. p. 30-54.

URBAN, M. L. de P. et al. Abrindo o fardo de algodão: caracterização dos efeitos da crise na cotonicultura do Centro-Sul brasileiro. **Informações Econômicas**, v. 25, n. 10, p. 33-59, out. 1995.

**Circular
Técnica, 44**

Exemplares desta edição podem ser adquiridos na:
Embrapa Algodão
Rua Osvaldo Cruz, 1143 Centenário, CP 174
58107-720 Campina Grande, PB
Fone: (83) 3315 4300 Fax: (83) 3315 4367
e-mail: sac@cnpa.embrapa.br

1ª Edição
Tiragem: 2000

**Ministério da Agricultura,
Pecuária e Abastecimento**

**Comitê de
Publicações**

Presidente: Alderi Emídio de Araújo
Secretária Executiva: Nivia Marta Soares Gomes
Membros: Eleusio Curvelo Freire
Francisco de Sousa Ramalho
José da Cunha Medeiros
José Mendes de Araújo
José Wellington dos Santos
Lúcia Helena Avelino Araújo
Malaquias da Silva Amorim Neto

Expedientes: Supervisor Editorial: Nivia Marta Soares Gomes
Revisão de Texto: Nisia Luciano Leão
Tratamento das ilustrações: Oriel Santana Barbosa
Editoração Eletrônica: Oriel Santana Barbosa